



Pergunta da prova de filosofia do processo seletivo para o mestrado em filosofia da UFOP. 13/11/2018

Explique a concepção espinosista de desejo, articulando-a à consciência, às afecções e afectos. Inclua em sua explicação os conceitos de *conatus* e utilidade.

Roteiro de excertos a serem mobilizados na resposta:

Et., III, definições dos afetos

I- O Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer.

Explicação

Dissemos acima, no Escólio da Proposição 9 desta parte, que o Desejo é o apetite quando dele se tem consciência; e o apetite é a própria essência do homem enquanto determinada a fazer algo que serve a sua própria conservação. Porém, no mesmo Escólio, também adverti que na verdade não reconheço nenhuma diferença entre o apetite humano e o Desejo. Pois seja ou não o homem cômico de seu apetite, contudo o apetite permanece um só e o mesmo; e por isso, para não parecer que cometia uma tautologia, não quis explicar o Desejo pelo apetite, mas tentei defini-lo de tal maneira que compreendesse de uma só vez todos os esforços (*conatus*) da natureza humana que designamos pelos nomes de apetite, vontade, desejo ou ímpeto. Com efeito, poderia ter dito que o Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer algo, mas desta definição (pela Prop. 23 da parte 2) não seguiria que a mente poda ser cômica de seu Desejo, ou seja, de seu apetite. Então, para que eu envolvesse a causa dessa consciência, foi necessário (pela mesma Prop.) acrescentar *enquanto é concebida determinada a fazer algo por uma dada afecção sua qualquer*. Pois por afecção da essência humana entendemos uma constituição qualquer desta mesma essência, seja ela inata, seja concebida pelo só atributo do Pensamento, seja pelo da Extensão, seja enfim referida a ambos



simultaneamente. Portanto, entendo aqui pelo nome Desejo quaisquer esforços, ímpetos, apetites e volições de um homem que, segundo a variável constituição do mesmo homem, são variáveis e não raro tão opostos uns aos outros que ele é arrastado de diversas maneiras e não sabe para onde voltar-se.

Et., III, Prop. 9

A Mente, tanto enquanto tem ideias claras e distintas como enquanto as tem confusas, esforça-se para perseverar em seu ser por uma duração indefinida e é cônica deste seu esforço.

Et., III, Prop. 9, Escólio

Este esforço, quando referido à só mente, chama-se Vontade; mas quando é referido simultaneamente à Mente e ao Corpo chama-se Appetite, que portanto não é nada outro que a própria essência do homem, de cuja natureza necessariamente segue aquilo que serve à sua conservação; e por isso pode ser assim definido: *o Desejo é o apetite quando dele se tem consciência*. De tudo isso, constata-se então que não nos esforçamos, queremos, apeteçemos, nem desejamos nada porque o julgamos bom; ao contrário, julgamos que algo é bom porque nos esforçamos por ele, o queremos, apeteçemos e desejamos.

Et., Parte IV, Prop. 38

É útil ao homem o que dispõe o Corpo humano tal que possa ser afetado de múltiplas maneiras; e tanto mais útil quanto torna o Corpo mais apto a ser afetado e afetar os outros corpos de múltiplas maneiras; e, inversamente, é nocivo o que torna o Corpo menos apto a isso.

Demonstração

Quanto mais apto a isto torna-se o Corpo, tanto mais apta a aprender torna-se a Mente (pela Prop. 14 da parte 2); por conseguinte, o que dispõe o Corpo desta maneira e o torna apto a isso é necessariamente bom ou útil (pelas Prop. 26 e 27 desta parte), e tanto mais útil quanto mais apto a isto pode tornar o Corpo; e, inversamente (pela mesma Prop. 14 da parte 2 invertida e pelas Prop. 26 e 27 desta parte), é nocivo se torna o Corpo menos apto a isto. C. Q. D.

Edição utilizada:



ESPINOSA. *Ética*. São Paulo, Edusp, 2015. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos sob a coordenação de Marilena Chaui.

Banca examinadora

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Neves de Miranda
Presidente

Prof. Dr. Cíntia Vieira da Silva

Prof. Dr. Ricardo Miranda Nachmanowicz